

**ALBERTINO GONÇALVES
CONCEIÇÃO GONÇALVES**

**UMA VIDA ENTRE PARÊNTESES
TEMPOS E RITMOS DOS EMIGRANTES
PORTUGUESES EM PARIS**

BRAGA 1991

**UMA VIDA ENTRE PARÊNTESES
TEMPOS E RITMOS DOS EMIGRANTES
PORTUGUESES EM PARIS**

Albertino Gonçalves*
Conceição Gonçalves**

– Nós, portugueses, vegetamos sempre mais ou menos em todos os sítios civilizados. Agitamos como os outros, damos a impressão de viver, mas em verdade estamos numa espécie de hibernação, à espera do sol e do estrume da pátria.

(Miguel TORGA, 1939)¹

Este texto requer duas advertências em jeito de introdução.

O seu alcance é limitado. Baseia-se em notas de observação participante desenvolvida durante mais de seis anos de convívio quotidiano, amfude íntimo, com emigrantes portugueses em Paris. Esta experiência partilhada no estrangeiro findou em 1982. As conclusões aqui retidas são, obviamente, datadas. Valem, quando muito, para a década de 70².e, em

* Bolseiro do INIC, assistente do Dto de Sociologia do Instituto de Ciências Sociais - U.M.

** Historiadora, professora do secundário

¹ Torga, Miguel, "O Quarto Dia da Criação do Mundo" , 1ª ed. 1939, in Torga, Miguel, *A Criação do Mundo*, Coimbra, 1991, p. 280.

² Embora assim restrito, este texto levanta questões e problemas susceptíveis de serem colocados, com interesse, no estudo de comunidades migrantes de outras eras e lugares, incluindo os próprios migrantes internos que, se não atravessam fronteiras, são marcados por outras distâncias. Todos devidamente

particular, para os emigrantes da chamada "primeira geração". Desde então verificaram-se transformações consideráveis. Muito mudou e bastante. As condições e, em particular, as disposições dos emigrantes face às sociedades de origem e acolhimento alteraram-se substancialmente. As atitudes, as vontades, os projectos, cá e lá, tornaram-se outros. Há um maior investimento e envolvimento, uma maior abertura, "lá fora". Uma crescente preocupação com a qualidade da vida que "aí se leva". Diminuem a extrema obsessão e dependência da terra natal. Já não se vive tanto em função de Portugal. Tomam-se algumas distâncias... A insustentável relação de duplo vínculo, abordada noutro texto³, perde força. Não que se cortem as raízes, simplesmente cultivam-se de outro modo. A situação, o cenário, já não é o dos anos setenta. A vida também não.

Uma segunda limitação atravessa de parte a parte este texto. Ele traça uma imagem caricatural dos actores e dos comportamentos que analisa. Constrói uma visão ideal-típica, extremada nas suas coerências e consequências, ajustável apenas a uma parte dos emigrantes em questão.

Um rendilhado de tempos e de espaços

A trajectória do emigrante é marcada pela travessia de fronteiras que delimitam universos em que vai tecendo a sua existência. Desenha-se assim um rendilhado complexo, lavrado numa pluralidade de espaços e de tempos, onde diversas condições, modos, estilos e perspectivas de vida se sobrepõem e misturam. Estas fronteiras, reais ou simbólicas, podem ser encaradas como autênticos parênteses que, abrindo, ligando e fechando mundos, pautam as maneiras de estar e devir do emigrante.

Os emigrantes, no decurso da sua experiência, desenvolvem

diferenciados segundo as suas origens, destinos e posições sociais. Apontam já neste sentido vários trabalhos. Ver, entre outros: Costa, António Firmino da, "Espaços urbanos e espaços rurais: um xadrez em dois tabuleiros", *Análise Social*, vol. XXI, nº 87-88-89, 1985, pp. 735-756, e Rocha Trindade, Maria Beatriz, "Do rural ao urbano: o associativismo como estratégia de sobrevivência", *Análise Social*, vol. XXII, nº 91, 1986, pp. 313-330.

³ Gonçalves, Albertino, "O Presente Ausente: O Emigrante na Sociedade de Origem", *Cadernos do Noroeste*, vol. I, nº 1, 1987, pp. 7-30; "O Presente Ausente II: Vias e desvios na intelecção da emigração e da sociedade portuguesas", *Cadernos do Noroeste*, vol. II, nº 2, 1989, pp. 125-153.

maneiras bastante peculiares de se inscrever no(s) tempo(s) e radicar no(s) espaço(s), edificando histórias e geografias *sui generis*.

Nestas páginas tenta-se delinear um esboço, resumido e esquemático, de alguns aspectos desta arte, caracterfstica dos emigrantes, de lidar com uma multiplicidade de tempos e espaços.

Uma vida entre parênteses

Enquanto objectivações semióticas sintéticas do ser emigrante, os monumentos/homenagens que lhe são dedicados são deveras curiosos e interessantes⁴. Pelo que evocam e pelo que esquecem ou deixam de lado.

A maior parte materializa, amfude em granito, dois mo(vi)mentos da trajectória do emigrante: a partida e o regresso. Ambos com os pés assentes na terra pátria. No primeiro, com uma trouxa e as mãos a abanar, é candidato a emigrante. No segundo, vencida a provação, "remediado", deixou de o ser. Entre os dois, o vazio, um durante oco, o emigrante enquanto tal. Neste acervo figurativo, o "desterrado", exclusivo doutras esferas artfsticas, é imagem rara.

Estes dois momentos, verdadeiros marcos simbólicos, assinalam um período suspenso, uma existência posta entre parênteses, que a partida abre e o regresso fecha. Entre os dois, o antes e o depois, uma vida (encarada como) menor, que não encontra valor nem sentido em si própria. Constantemente referida ao exterior, ao alhures, ao antes e ao depois, só assim, fora de si, encontra razão de ser e continuar. Envolto pelas "brumas da memória" e pelas miragens do futuro, o presente, subordinado e sacrificado, vai passando.

Esta suspensão entre parênteses do presente subordinado, da mais ou menos longa estada em terra estrangeira, fica bem expressa nos frequentes desabafos aí surpreendidos. "A gente está aqui para ganhar a vida". "A gente aqui não vive...". "A vida que a gente leva não é vida nem é nada...". E o melhor é não pensar muito nisso, exorcizar as cismas que

⁴ Ver, nesta perspectiva, Alves, Aníbal, *Presse Régionale et Emigration: Analyse sémiotique du discours sur les émigrants dans les journaux de Braga*, Louvain-la-Neuve, Cabray, J. éd., 1984.

"deitam um abaixo..."

Sob este ângulo, o emigrante é um digno exemplar do povo português revelado por Eduardo Lourenço: "Descontentes com o presente, mortos como existência nacional imediata, nós começamos a sonhar simultaneamente o passado e o futuro."⁵

Esta postura espelha-se necessariamente no modo, como se joga com os espaços e com os tempos.

Vem a propósito um testemunho recolhido na atmosfera, tão propícia à abertura comunicativa, dum comboio de regresso a Portugal. Com 54 anos de idade e 36 de França, um emigrante confia a intenção de comprar uma leira junto da casa em construção. Estimulado a explicar o seu "apego à terra" apesar de nela só ter vivido um terço da sua vida, segredou-me: "Sabe, é que os trinta e seis anos que passei em França, para mim, nem sequer representam três e os que vivi em Portugal parecem-me mais de quarenta."

Confrontamo-nos aqui com uma lógica inúmeras vezes descortinada em muitos emigrantes. No estrangeiro detectam-se juízos e desejos constantemente reiterados: "um tempo para esquecer..."; "quem me dera que os dias fossem segundos!"

Exclamações correntes que revelam uma lógica que subverte e baralha as métricas, os calendários e os relógios convencionais. Passa-se muito mais tempo no estrangeiro do que na terra natal. Mas o segundo é muito maior do que o primeiro. Difícil de compreender, mas assim é. Há tempos diminuídos e outros que contam mais. Processa-se uma hipotrofia do tempo em terra alheia (correspondente à vida posta entre parênteses) e uma hipertrofia do tempo em terra própria (fora de parênteses). É destarte que o emigrante finta, por assim dizer, as coordenadas do tempo e do espaço. Este é um primeiro exemplo ilustrativo.

⁵ Lourenço, Eduardo, "Psicanálise Mítica do Destino Português", in *O Labirinto da Saudade*, Lisboa, Pub. Dom Quixote, 1978, p. 22.

Versos e reversos

Aliás, basta-nos olhar para o que se passa à nossa volta, nas nossas sociedades ocidentais, para encontrarmos as mesmas oscilações. (...) No inverno, o campo mergulha numa espécie de turpor; em certas zonas, as migrações sazonais rarefazem, por esta altura, a população; de qualquer modo, cada pequeno grupo, familiar ou territorial, vive fechado sobre si mesmo; as ocasiões e os meios de ajuntamento escasseiam; é a época da dispersão. No verão, pelo contrário, tudo se reanima; os trabalhadores voltam aos campos; vive-se fora, em constante contacto com os outros. É o momento das festas, dos grandes trabalhos e dos excessos ('débauches').

(Marcel MAUSS, 1904-1905⁶)

Num estudo clássico sobre os modos e ritmos de vida social dos esquimós, Marcel Mauss fala-nos de "variações sazonais". *Mutatis mutandis*, o conceito adequa-se ao que ocorre, especificamente, com o ciclo anual dos emigrantes e, por extensão, com as respectivas sociedades de origem.

Ao curto período de junção no solo pátrio, cada vez mais confinado aos meses de verão, sucede-se o longo inverno de dispersão "pelos quatro cantos do mundo". Numa espécie de ritmo regular, as sociedades e os homens oscilam entre dois estados opostos e alternantes. A uma estação "em que a sociedade, fortemente concentrada, se encontra num estado crónico de efervescência e sobreactividade" opõe-se outra caracterizada por "um isolamento, uma pulverização social: (...) os laços sociais afrouxam-se, as relações tornam-se mais raras, os indivíduos

⁶ Marcel Mauss, "Essai sur les variations saisonnières des sociétés Eskimos", 1ª ed. 1904-1905, in *Sociologie et Anthropologie*, Paris, Presses Universitaires de France, 1950, pp. 389-477. Nossa tradução. O trecho que se segue apoia-se neste ensaio. Pode ser lido como uma extensa paráfrase de Marcel Mauss. Ressalve-se, no entanto, que este texto versa sobre os emigrantes enquanto que o de Marcel Mauss diz respeito aos esquimós e que as suas observações relativas ao inverno esquimó são aqui transpostas para o verão emigrante.

entre os quais elas se estabelecem são menos numerosos; a vida psíquica abranda."⁷

Na época estival, a confluência humana densifica a todos os níveis (demográfico, económico, social e cultural) as sociedades (rurais) nativas. Os laços apertam-se e as tensões crescem. Mas apenas por um tempo. Segue-se o refluxo e a comunidade distende-se. O reencontro provoca um sobressalto, espelva as terras e as gentes numa animação temporária. Porém, uma vez vencidos os prazos, as malas aviadas, os caminhos retomados e os homens espalhados, recai a sonolência letárgica.

Adiados, deixados em suspenso durante todo o ano, os actos mais importantes para a sociedade e o indivíduo ocorrem no período quente da comunhão conterrânea ciclicamente revivida.

Para a comunidade e sobretudo para os emigrantes "em férias", o verão é tempo de casamentos, baptizados e culto dos antepassados; de arraiais, foguetes e procissões; de visitas, passeios e peregrinações; de banquetes, folias e desvarios; de alianças, prendas e leilões⁸; de competições, invejas e ostentações; de partilhas, desavenças e brigas; de inventários, encenações e reconhecimentos; de negócios, escrituras e consumos; de planos, empreendimentos e acabamentos; de contas, arquivos e documentos; de cartórios, fazendas e bancos; de estradas, caminhos e terreiros; de pressas, excessos e bloqueios. Em suma, tempo de vida colectiva; de rituais; de jogos; de comunicação; de representações; de projecções; de inflação; de (e) fusão; de tensão; de inversão; de confusão; de riso; de contratos; de actualizações; de movimento. Tempo de Dionísio, de Gargântua e Pantagruel. Tempo, também, de catarse: o ser domesticado, longamente contido, esquece o sentido das conveniências e "passa das marcas" numa explosão purificadora.

E tudo isto, e muito mais, à porfia numa roda viva.

Pode-se dizer que, durante este curto mas intenso período, os homens se põem em dia com Deus, com o próximo e consigo mesmos; com o passado e com o futuro.

⁷ Mauss, Marcel, *op. cit.*, pp. 470-471. Nossa tradução.

⁸ Sobre o envolvimento dos emigrantes nas actividades comemorativas e festivas, ver: Costa, Joaquim, "Festas Religiosas, Emigração e Ostentação no Alto Minho", *Economia e Sociologia*, nº 50, 1990, pp. 5-28.

Neste contexto, os emigrantes que regressam de férias são autênticos concentrados de vida que eclodem com o húmus e a luz da terra-mãe. Numa inquietação e agitação permanentes, num ávido atropelo de acções, falta-lhes o tempo para cumprir as intenções. Apenas chegados, eilos já a bater terreno à cata de pontos de encontro, de memórias, de amigos, de alterações. E desde esse momento até à partida, inundados de desejos e solicitações, num afã endiabrado, não param!

Para o emigrante trata-se duma oportunidade crucial para marcar presença e posição na sociedade que nunca deixou (de ser a sua). Ocasião para sondar as raízes, beber as fontes, perscrutar horizontes, descortinar o amanhã.

Enleado nas origens e projectado para um futuro sonhado em demasia, o emigrante aproveita esta estadia para simular o seu almejado regresso. Tempo de reivindicação, de encenação e representação, ele busca e prefigura o outro que anseia vir a ser. Preocupado em "fazer boa figura", investe personagens que mal domina ou que de todo lhe escapam. Assoberbado e dividido pela procura da sociedade que deixou e pelo ser em que se quer tornar, esquartejado entre o passado e o futuro, o emigrante não consegue encontrar assento no presente nem sequer segurar, e muito menos unir, as pontas. Assinale-se, no entanto, que é por esta altura que elas mais se aproximam. O emigrante dar-se-á (de)mais(iado) tarde, aquando do regresso definitivo, conta de quão ilusórias eram estas realidades tão sofregamente sorvidas. Entretanto, a nostalgia e a quimera prosseguem o namoro (à moda dos antigos, cada um de seu lado)...

Este tempo do ninho, apesar de bem recheado e espremido até à exaustão, nunca é suficiente. Foge num piscar d'olhos. "Parece que ainda ontem chegámos e já estamos de malas aviadas", "mal dá para matar saudades"... E cede lugar ao lento e longo tempo de inverno.

E recomeça o esmigalhamento, o retraimento, o isolamento, o alheamento, a vegetativa monotonia do eterno retorno do ciclo "casa, cama, trabalho". Agora, tudo parece acontecer ao invés. Os hábitos, as vontades e os locais frequentados são outros. Vestem-se roupas diferentes, os espaços acanham-se, raramente ou nunca se entra num café ou restaurante. É tempo de abnegação e poupança, com mingua de convívio. O social e o religioso perdem fôlego. Tudo arrefece e encolhe. Um frio nevoeiro profano cobre a ebulição sagrada do estio. Tempo de privação, saudade e sacrifício em que se l(ab)uta pela esperança.

*Existe, em suma, entre estes dois momentos do ano, toda a diferença que pode haver entre um período de socialidade intensa, e uma fase de socialidade lânguida e deprimida. (...) A vida social (...) passa assim por uma espécie de ritmo regular. Ela não é, nas diferentes estações do ano, sempre igual a si mesma. Tem um momento de apogeu e um momento de hipogeu.*⁹

Embarcado nesta "curiosa alternância", o emigrante oscila entre o colectivo e o individual; a euforia e a disforia; a introversão e a extroversão; o *potlatch* e o aforro; o excesso e a mesura; a inclusão e a exclusão; o próximo e o distante; o nome e o anonimato; o ser alguém e ninguém.

Como é que o emigrante se apropria destes tempos tão contrastados?

Vamos verificar, mais uma vez, que entre o tempo que se mede, o que se sente e o que conta podem existir grandes disparidades.

O "verão" do emigrante, correspondente às suas férias, raramente ultrapassa as quatro ou cinco semanas. O resto é "inverno". As suas estadias em Portugal são pequenos parênteses de evasão dentro do grande parênteses de ausência no estrangeiro. Presenças durante as quais "mal se dá pelo passar do tempo".

No entanto, apesar de fugaz, este tempo passado no país conta muito mais que todo o outro junto. Vive-se muito mais do que no resto do ano. Abasteceu-se o ser. Trata-se de um tempo absorvente e pleno que é sugado até à medula.

O outro, o tempo passado no estrangeiro, pode encher o calendário, pode custar muito a passar, mas, comparado com este, esvazia-se. É um tempo insignificante, sem história.

Sobressaem assim duas vidas (sociais) paralelas com diferentes valores. Porém, "entre uma e outra, existem transições: não é sempre de maneira abrupta que o grupo retoma os seus espaços de inverno;

⁹ Mauss, Marcel, *op. cit.*, p. 471. Nossa tradução.

ou que daí sai."¹⁰

A aura do verão bafeja largamente o inverno de ausência no estrangeiro.

As férias que se avizinham dão azo a que se comece a preencher o hiato cavado pelo cair do outono. Os meses que precedem o verão são dedicados a uma incessante preparação, programação e imaginação do regresso sazonal ao país natal. Muito tempo antes, já com esse desígnio, percorrem-se montras, acumulam-se objectos para decoração do lar, compra-se roupa, escolhem-se as prendas, ensaia-se e comenta-se a "figura que se vai fazer". "As férias estão para breve", quando faltam ainda quatro meses. Passados dois meses, telefona-se à família para lhe anunciar que "as férias estão à porta"... Trata-se dum evento grata e precocemente pressentido. Num crescendo de excitação e ansiedade que culmina com a viagem, o emigrante, numa espécie de "vivência antecipatória", antegoza as suas almejadas férias.

Em contrapartida, o período que sucede às férias pode ser encarado como de revivescência. Vem-se dum tempo breve mas prenhe, que abastece a memória. Fica muito para reter, pensar, sonhar e contar. Trazem-se *puzzles* para completar.

Em período de restabelecimento da fadiga das férias (regressa-se sempre mais cansado do que quando se partiu), começa o reencontro dos poucos que a fusão do verão separou. E numa espécie de lento crepúsculo, comunga-se até à saciedade o que de bom e de mal, de real e de imaginário, se encontrou e viveu na sociedade natal.

Esquemáticamente, o ciclo anual pode ser repartido em dois ou quatro períodos. Dois cardinais, nitidamente opostos: o verão e a sua "hipervivência"; o inverno e a sua "hipovivência". Dois de transição: a "vivência antecipatória" que precede o verão e a "revivescência" que lhe sucede.

¹⁰ Mauss, Marcel, *op. cit.*, p. 470. Nossa tradução.

Momentos de encantamento

Uma última questão: que acontece durante o profundo inverno passado longe de Portugal? Será que tudo se reduz a um estéril "buraco negro"?

De facto, tal não acontece. Depara-se-nos uma nova versão da arte emigrante de construir e habitar espaços. Trata-se, agora, para o emigrante, de enfrentar um espaço adverso onde evolui como um estranho.

O tempo de permanência no estrangeiro é regularmente interrompido por breves mas gratificantes períodos de (con)vivências "à portuguesa". Autênticas recriações do ambiente lusitano, estas (con)vivências confortam e aligeiram a dura "pasmaceira" da hibernação em solo alheio.

Durante esses períodos, assiste-se a uma espécie de transmutação. As coordenadas de espaço e de tempo sofrem uma deslocação. E, "sem se dar por ela", o espírito do torrão natal instala-se e anima uma comunhão regeneradora. No coração de Paris, respira-se Portugal.

Estávamos em Paris, o criado que nos servia falava francês, na ementa não figurava bacalhau, e o vinho era um Bordeaux qualquer. Mas nenhuma destas razões impediram que se realizasse o milagre que o nosso anfitrião certamente esperava. Depois das primeiras garfadas, a conversa tomou tal rumo e tal calor, que daí a nada tudo se passava como se o restaurante fosse uma tasca da Alta e vivêssemos nela uma hora coimbrã. Insensivelmente, todos se deixaram arrastar pela onda saudosista. O próprio Navarro, o mais relutante à tentação, acabou por não lhe resistir, a contar também, a evocar, a meter carvão na fornalha. Os episódios sucediam-se, cada qual o mais pitoresco ou irreverente, as guitarras gemiam, os rouxinóis cantavam, o luar radiografava o Choupal.

(Miguel TORGA, *A criação do mundo*, 1939)¹¹

¹¹ Torga, Miguel, "O Quarto Dia da Criação do Mundo", 1ª ed. 1939, in TORGA,

São momentos consagrados aos seus: parentes, amigos, vizinhos; lugares, objectos, costumes. A tudo o que lhes é querido e lhes alicerça a identidade. Sonha-se a casa a construir¹², eternamente inacabada. Lê-se "A Bola" e o jornal regional. Festeja-se, segundo a tradição, a consoada. Coze-se bacalhau com batatas e couves. Bebe-se o verdasco. Vai-se ao banco português "mandar dinheiro prá terra" e fica-se decepcionado se, porventura, os clientes são poucos e a espera é pequena. Actos simples, despidos de pompa, mas iluminados por Portugal. Pitadas de sal numa existência desensabida.

Todas as ocasiões são boas para embarcar na caravela das quinas rumo às origens. Nas visitas, manjares e convívios domésticos. Em casa, à porta e no quintal¹³. Nas ruas, nos transportes e nos bancos dos jardins. Nos espectáculos, discotecas e salões de baile. Nas associações, missas e feiras. São locais e momentos onde se reúnem gentes, objectos e símbolos da pátria. A lista é demasiado extensa para um inventário exaustivo¹⁴. Qualquer contexto ou pretexto pode servir para encetar uma nova viagem mental e "reavivar a chama lusitana"

Em suma, definem-se situações onde a linguagem, as pessoas, as posturas e as coisas surgem totalmente transfiguradas e, numa perfeita evasão do tempo e do espaço imediatos, lançam amarras nas saudosas raízes do ninho.

Após cada viagem, o regresso, com novo alento, ao alheamento do trabalho quotidiano em solo alheio..

Miguel, *A Criação do Mundo*, Coimbra, 1991, p. 296.

¹² Ver Leite, Carolina, *Casas de sonho: práticas de habitar dos emigrantes no Norte de Portugal*, Relatório de Síntese para Provas de A.P.C.C., Universidade do Minho, Abril de 1990.

¹³ Leandro, Maria Engrácia, "Quintal e nostalgia da horta. Simbolismo e inter-relações dos emigrantes portugueses na região parisiense", in *A Sociologia e a Sociedade Portuguesa na Viragem do Século*. Actas do I Congresso Português de Sociologia, vol. II, Lisboa, Ed. Fragmentos, 1990, pp. 291-300.

¹⁴ Numerosos locais de encontro dos portugueses, em Paris, me vêm à memória. Sobressai, no entanto, "a praça do Trocadéro". Os passos das famílias dirigiam-se para este espaço público onde acabavam sempre por encontrar, "por acaso", outras famílias que, também "por acaso", aí tinham ido parar. Manhas do destino.

É com estas e outras artes que se vai vivendo no estrangeiro sob o signo do país natal.

Começámos com dois reparos, concluímos com um terceiro.

O esquematismo e a ênfase prevalescentes no texto podem induzir em erro: a impressão de que o emigrante varre o tempo de estada no estrangeiro para o sótão do esquecimento, apagando-o, completamente, da memória. Nada mais falso. Muito antes do rol de arrependimentos que soem acompanhar o regresso definitivo, já o emigrante recorda, gratamente, episódios e valores de além fronteiras. Conta epopeias e proezações num misto de orgulho e vergonha. E quando recorre aos serviços portugueses, das nacionais burocracias aos cuidados de saúde, ei-lo que, insistentemente, invoca, para exasperação dos residentes, os méritos e créditos alheios e aponta as misérias e vícios caseiros.